

ORAÇÕES SUBSTANTIVAS EM FUNÇÃO DE SUJEITO E DE OBJETO NAS FASES ARCAICA E MODERNA DO PORTUGUÊS

por Sebastião Carlos Leite Gonçalves (UNESP/S. J. Rio Preto, CNPq)¹ e
Gisele Cássia de Sousa (UNESP/S. J. Rio Preto)²

RESUMO

Neste artigo descrevemos o comportamento de orações subjetivas e objetivas diretas nas fases arcaica (séculos XIII a XV) e moderna (séculos XVI e XVII) do português. Adotamos o quadro teórico da gramaticalização e dessentencialização de orações e discutimos resultados para os parâmetros *tipo semântico do predicado matriz*, *unidade semântico funcional representada pela oração encaixada* e *formato da oração encaixada*. Observamos, ao longo das sincronias, correlações sistemáticas entre os parâmetros investigados para os dois tipos oracionais. Orações subjetivas apresentam menor variedade de padrões do que orações completivas objetivas, principal diferença a interferir em suas estabilidades sintático-semânticas nos períodos investigados.

PALAVRAS-CHAVE: orações complexas; subordinação; gramaticalização; dessentencialização.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nos estudos funcionalistas sobre construções completivas (NOONAN, 1985; BRAGA, 1999; NEVES, 2000, entre outros), predicado matriz e complemento oracional nem sempre recebem tratamento conjunto, de modo a explicitar a correlação existente entre uma e outra unidade, especialmente no que diz respeito a propriedades semânticas. Normalmente, aspectos semânticos ficam restritos à identificação de classes de predicados matrizes, enquanto a interação entre matriz e completiva é levada em conta apenas para descrição de propriedades sintáticas.

Como parte de um projeto maior que visa a descrever o comportamento das orações completivas na história do português, em desenvolvimento no interior do Projeto PHPB (Para História do Português Brasileiro), o presente artigo tem por objetivo oferecer uma descrição funcional das orações subjetivas e objetivas diretas nas fases arcaica (séculos XIII a XV) e moderna (séculos XVI e XVII) do português, assumindo os pressupostos do quadro teórico da gramaticalização e dessentencialização de orações (HOPPER; TRAUGOTT, 1993; LEHMANN, 1988), compromisso que exige uma consideração de propriedades morfossintáticas, semânticas e pragmáticas tanto da

1. Professor do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual Paulista/São José do Rio Preto. Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas.

2. Professora do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual Paulista/São José do Rio Preto. Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, *campus* de Araraquara.

oração matriz quanto da encaixada e também da interação entre elas. Em outras palavras, nosso propósito é verificar em que medida essas propriedades interagem sistematicamente na composição dos tipos de complexo oracional em questão, correlacionando-se, ou não, à sua gramaticalização. Para tanto, apresentaremos aqui resultados obtidos a partir da análise dos seguintes parâmetros: (i) *tipo semântico do predicado matriz*, proposta adaptada de Gonçalves, Sousa e Casseb-Galvão (2008), elaborada a partir de dados do português falado culto contemporâneo; (ii) *tipo de unidade semântico-funcional da oração encaixada* (predicação, proposição, ato de fala), como proposto pela teoria da Gramática Funcional (DIK, 1997); e, (iii) *formato da oração encaixada* (finita, não-finita). Esse último parâmetro relaciona-se mais diretamente à hipótese que investigamos neste estudo: a de que os dois tipos de oração tenham percorrido, ao longo das fases arcaica e moderna do português, uma trajetória de gramaticalização caracterizada por sua integração semântico-sintática à oração principal com que ocorrem. Conforme propõe Lehmann (1988), a alteração na forma de expressão da oração subordinada, de finita a não-finita, pode constituir reflexo formal dessa gramaticalização/integração.

Para a investigação empírica dos dois tipos oracionais nas fases arcaica e moderna do português, compreendidas, respectivamente entre os séculos XIII e XV e XVI e XVII, tomamos por base textos pertencentes a dois *corpora* diacrônicos: o “Cópus Diacrônico do Português”, organizado por Tarallo (1991), complementado pelo cópus do “Banco Informatizado de Textos do Projeto para a História do Português” (BIT-PROHPOR), composto por pesquisadores da Universidade Federal da Bahia.

É importante esclarecer que os resultados analisados no presente texto dizem respeito a orações subjetivas e objetivas diretas, tanto finitas quanto não-finitas. Dados de oração objetiva finita, no entanto, incluem apenas os de orações introduzidas pela conjunção *que*, ou seja, não estamos contemplando as objetivas que equivalem a interrogativas indiretas, introduzidas pela conjunção *se* ou por pronomes interrogativos, porque entendemos que, como interrogativas, essas orações apresentam comportamento sintático-semântico bastante distinto do comportamento das completivas com *que*, justificando-se assim a necessidade de análises separadas para essas orações.³

Uma das diferenças entre completivas com *que* e completivas equivalentes a interrogativas diz respeito ao potencial de dessentencialização da oração, ou seja, à possibilidade de a oração perder propriedades sentenciais e ter seu formato alterado, passando da forma finita à infinitiva, podendo chegar à forma de expressão como constituinte simples, não-oracional. Essa dessentencialização resultaria de um processo de integração sintático-semântica da completiva à matriz, conforme hipótese que, seguindo Lehmann (1988) e Givón (1990), estamos investigando como parte do possível desenvolvimento diacrônico das completivas em português. A expressão alternativa em forma não-finita é possível para uma completiva com *que*, conforme se observa a partir das sentenças em (01a-b), mas não para uma completiva interrogativa introduzida por *se*, como mostram as construções em (02a-b).

- (01) a. A mãe mandou *que o filho comesse toda a salada*.
b. A mãe mandou *o filho comer toda a salada*.
- (02) a. Ana perguntou *se Pedro estava em casa*.
b. *Ana perguntou *Pedro estar em casa*.

3. A respeito da gramaticalização de completivas introduzidas pela conjunção “se”, veja Sousa (2010, 2012).

Parece haver, assim, como revela essa diferença entre completivas com *que* e completivas interrogativas, razões suficientes para, como estamos fazendo, não agrupar nas análises esses dois tipos de oração, principalmente se se quer verificar, como é o nosso caso, a alternância entre as formas de expressão finita e não-finita da completiva.

Feitas essas considerações iniciais, nosso artigo segue estruturado da seguinte maneira: na próxima seção, expomos brevemente os principais subsídios teóricos sobre subordinação de orações, os quais embasam nossas análises, para, na seção seguinte, apresentarmos e discutirmos os resultados da gramaticalização e dessentencialização de orações nas fases arcaica e moderna do português. Por último, seguem nossas considerações finais e as referências bibliográficas.

1. SOBRE SUBORDINAÇÃO SENTENCIAL

Na tradição gramatical, arrolam-se orações de diferentes estatutos sintático-semânticos na abordagem das chamadas *orações complexas*. Sob o rótulo de subordinação, encontram-se agrupadas orações adverbiais, adjetivas e substantivas (CUNHA; CINTRA, 1985), o que permite, já de início, o questionamento de se estender o estatuto de subordinação para abarcar todos esses tipos de orações indistintamente. Por exemplo, parecem inquestionáveis as diferenças funcionais de um SN, que pode atuar como sujeito ou objeto de uma sentença, em relação a outros constituintes adverbiais ou mesmo adjetivais. Substantivos, adjetivos e advérbios participam de algum modo diferenciado na composição de uma sentença, que é determinada pela estrutura argumental de um predicador.

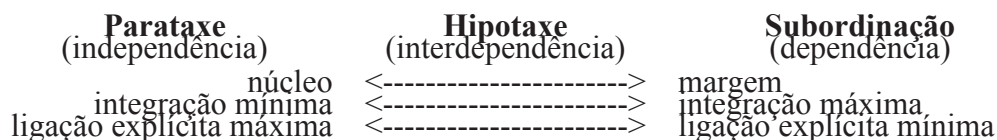
Na resolução de tal impropriedade, uma proposta diferente, e que adotamos para o tratamento das orações complexas aqui investigadas, é a oferecida pela Linguística de orientação funcionalista, que trata do modo como as orações se combinam no interior de um complexo oracional. Haiman e Thompson (1988), Halliday (1985), Hopper e Traugott (1993), entre outros, defendem uma concepção tripartida para um entendimento mais satisfatório de como as orações se articulam no interior de um complexo oracional, propondo uma divisão em termos de *parataxe*, *hipotaxe* e *subordinação*. Tal distinção é motivada pelo reconhecimento de diferentes graus de integração sintática entre as unidades que compõem a oração complexa, graus que, conforme propõem Hopper e Traugott (1993), revelam um percurso unidirecional de gramaticalização dessas orações e que levam à rejeição do modo dicotômico tradicional de postular a combinação de orações (ou por coordenação ou por subordinação), em favor de um enfoque que distribui as orações complexas ao longo de um *continuum* conforme o maior ou menor grau de integração de seus segmentos constitutivos. Valendo-se, então, da combinação dos traços [dependência] e [encaixamento], Hopper e Traugott (1993, p. 170) propõem o *continuum* dado abaixo, para colocar de um lado os casos de relações paratáticas e, de outro, os casos de subordinação no sentido estrito.

(03) *Continuum* da combinação de orações

[Dependência]	Parataxe	>	Hipotaxe	>	Subordinação
[Encaixamento]	-		+		+
	-		-		+

Sob os critérios de *dependência*, *integração* e *tipo de ligação* entre orações, propõem ainda os autores as seguintes propriedades da combinação de orações (p. 172):

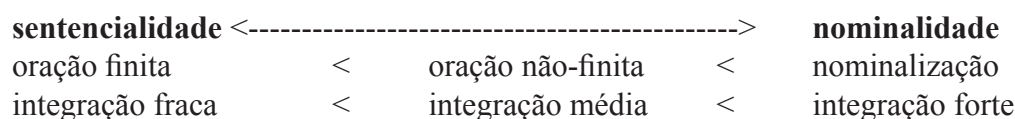
(04) Propriedades gradientes da combinação de orações



A partir das propriedades dadas nessa esquematização, *parataxe* se caracteriza pela relativa independência e integração mínima entre as orações, *hipotaxe*, pela relativa interdependência e por um grau intermediário de integração, e *subordinação*, por total dependência e integração máxima entre orações, ou seja, uma oração margem é totalmente encaixada em um constituinte da oração núcleo, sem necessariamente contar com um nexos que as una. Esse *continuum* de integração, segundo os autores, pode equivaler a graus de gramaticalização dos modos de combinação de orações, com a parataxe representando o modo menos gramaticalizado, e a subordinação, o modo mais gramaticalizado de articulação entre orações. Em outras palavras, o grau de dependência e integração entre as orações reflete, conforme essa proposta, o grau de gramaticalização entre as orações combinadas.

No interior de cada um dos modos de combinação, entretanto, identificam-se casos de maior e menor gramaticalização/integração entre as orações. Em se tratando de subordinação, há exemplares mais gramaticalizados (ou mais integrados) do que outros, como explicita Lehmann (1988) em sua proposta de gramaticalização e dessentencialização de orações. A depender do grau de sentencialidade da oração encaixada, ela pode apresentar-se forte ou fracamente integrada a um núcleo, que pode, inclusive, tomar como margem uma construção reduzida ao grau máximo de dessentencialização, representado pelos casos de nominalização, como mostra o esquema em (05), adaptado do autor (p. 200).

(05) *continuum* de sentencialidade



Rearranjando, então, a classificação tradicional das orações complexas dentro do esquema de combinação de orações mostrado em (03) e (04) acima, pode-se dizer que, sob a designação de *parataxe*, encontram-se orações coordenadas e justapostas; sob a designação de *hipotaxe*, orações adverbiais, apositivas, e, por fim, sob a designação de *subordinação*, apenas as subordinadas substantivas e adjetivas restritivas.

Do exposto, entendemos então por *subordinação* o mecanismo sintático por meio do qual uma predicação é estruturada como argumento de um predicado. Predicado completável por argumentos oracionais é chamado *predicado matriz*, e a oração que tem esse predicado como núcleo é a *oração matriz*. Alternativamente, complemento oracional de predicado matriz é também referido como *oração encaixada* ou *subordinada* (NOONAN, 1985; GONÇALVES; SOUSA, CASSEB-GALVÃO, 2008).

Estruturalmente, essa definição de subordinação se completa por referência às posições argumentais⁴ que as orações ocupam no complexo oracional, propriedade dependente da estrutura argumental do

4. A posição que um argumento ocupa na estrutura de uma predicação deve ser entendida aqui na correlação estreita com a função sintática a ele atribuída pelo predicador.

predicado matriz: em posição A1, de primeiro argumento, caso das subjetivas (*parece [que...]*), em posição A2 ou A3, de segundo ou terceiro argumento, caso das objetivas (*X acha/crê [que...]* ou *X convence Y [de que...]*). Importante dessa definição é a identificação do ambiente sintático em que a encaixada ocorre, sempre sustentando uma relação do tipo argumento-predicado (NOONAN, 1985). Em outras palavras, uma oração pode ser considerada argumento de um predicado (verbal, nominal, adjetival) se ela ocorre em posição argumental semelhante à de um termo simples, cuja funcionalidade define também o estatuto sintático das orações encaixadas a ele equivalentes (*sujeito, objeto e complemento de nome*). Assim, o valor funcional de construções encaixadas é determinado pelas relações funcionais que elas assumem dentro do complexo oracional mais amplo em que ocorrem.

Como unidade semântico-funcional, orações subordinadas podem representar entidades de diferentes ordens: *estado-de-coisas*, entidade de 2ª. ordem, *proposição*, entidade de 3ª. ordem, ou *ato de fala*, entidade de 4ª. ordem, esta uma extensão proposta pela Gramática Funcional de Dik (1997), a partir da proposta original de classes ontológicas de entidades de Lyons (1977).⁵ Com base na proposta desses autores, estado-de-coisas é uma entidade que, por referir eventos, pode ser localizada no espaço e no tempo e ser avaliada somente em termos de sua realização; proposição, por referir construtos mentais, não pode ser localizada nem no espaço nem no tempo e, por isso, só pode ser avaliada em termos de sua verdade/falsidade; por fim, ato de fala tem localização espacial e temporal, e sua avaliação se dá em termos de *condições de felicidade*, isto é, de seu grau de adequação ao contexto comunicativo em que é empregado.⁶

A classificação de orações como estado-de-coisas, proposição ou ato de fala decorre, assim, primeiramente da natureza semântica do predicado matriz no qual a oração se encaixa. Sobre a classificação semântica de predicados matrizes é importante mencionar que as propostas são variadas e, por vezes, entre elas, há pouca superposição de tipos (cf. NOONAN, 1985; GIVÓN, 1980, 1995; DIK, 1997; DIXON, 2006; HENGEVELD; MACKENZIE, 2008; NEVES, 2000, entre outras), uma vez que contemplam, em sua grande maioria, somente predicados de natureza verbal. Por essa razão, optamos, na nossa investigação, por adotar a proposta de classificação de Gonçalves, Sousa e Casseb-Galvão (2008) para o português falado culto brasileiro contemporâneo, que inclui predicados de natureza morfológica variada (nominais, verbais e adjetivais).⁷

2. GRAMATICALIZAÇÃO E DESSENTENCIALIZAÇÃO DE ORAÇÕES COMPLETIVAS NO PORTUGUÊS ARCAICO E MODERNO

Como já mencionamos, os resultados comparativos do comportamento das orações completivas que apresentamos a seguir referem-se a três parâmetros: *natureza semântica do predicado matriz, unidade semântico-funcional representada pela completiva e finitude da oração completiva*. Os dois primeiros permitem captar a natureza semântica das orações completivas e dos predicados que as selecionam como argumento. O terceiro parâmetro, de natureza formal, é destinado à análise do formato finito ou não-finito das orações completivas. Os resultados para cada um desses parâmetros,

5. Na abordagem da Gramática Funcional de Dik (1989, 1997), as diferentes unidades semântico-funcionais caracterizam camadas distintas que se distribuem hierarquicamente na estruturação das sentenças.

6. Segundo Lyons (1977), *indivíduos*, localizáveis no tempo e no espaço, são entidades de 1ª. ordem, que só podem ser avaliadas em termos de existência. Como tal, trata-se de um tipo de entidade que não pode ser codificada por oração, mas somente por expressão referencial nominal.

7. Por questão de limitação de espaço, não vamos aqui definir os tipos semânticos de predicados matrizes, por se tratar de uma lista bastante extensa. Remetemos o leitor interessado ao trabalho de Gonçalves, Sousa e Casseb-Galvão (2008).

ao final, serão apresentados em correlação com o século representado pelo texto investigado, a fim de que possamos demonstrar em que medida os resultados referentes ao formato da oração completiva, em textos das duas sincronias investigadas, são indicativos de confirmação de nossa hipótese de mudança das completivas do português rumo à maior frequência de expressão em forma não-finita e, assim, em direção à maior integração sintática com suas orações matrizes.

No quadro 1 abaixo, seguem ocorrências exemplificativas de cada um dos tipos semânticos de predicados matrizes de orações subjetivas e objetivas encontrados nas fases arcaica e moderna do português.

Predicado matriz	Completiva	Ocorrência exemplificativa (Ao final de cada ocorrência, indica-se a fonte de onde ela foi extraída (córpus / século / volume / texto / página); tipos marcados em cinza não encontram representação nos corpora investigados)
Acontecimento	Objeto	
	Sujeito	Huñ dia aveo que sam Fruytoso se sayo per barca da cidade de Sevilha. (CBP/14/FS-11)
Atitude emocional	Objeto	Aly entrey e morey e sofri todas estas cousas de bõõ coraçõ, ca me temia d'ir ao inferno se leyxasse o que começara. (CBP/14/FS-59)
	Sujeito	Depois desejey a tornar a morar apartado, ca muyto mi avorrecia de morar em convento. (CBP/14/FS-59-72)
Atitude mental	Objeto	E quando Tristam entendeo que [o cavaleiro] era da Mesa Redonda, ouve gram pensar que nom pode maior... (CDP/13V1/DG-68)
	Sujeito	
Atitude não-emocional	Objeto	ben vos mostramos que Deus prenderia de vos gran vingança. (CDP/13/SM-31)
	Sujeito	
Avaliação Epistêmica	Objeto	Este homem tornou aly com hum navio e mandou dizer ao indio principal, que o tivera em sua casa, que o ffosse ver ao navio, cuidando [= supondo] o jentio que vinha elle agradecer-lhe o bem que lhe tinha ffeito (CDP/16V4/CJ-175)
	Sujeito	E, quando Caifas o vio, bem lhe pareceo que uñ ponto nom envelhecera, antes disse que nunca o vira tam fermoso nem tam mancebo. (CBP/16/JA-17)
Avaliação não-modal	Objeto	
	Sujeito	nõ he bẽ que o homẽ leixe em ssi enuelheçer o pecado. (CDP/14/PP-144)
Causatividade	Objeto	[pecado] mortal quer dizer tanto come cousa que faz o homẽ morrer ou chegar aataa morte. (CDP/14/PP-127)
	Sujeito	
Cognição	Objeto	mandou ajuntar as mais gentes que pode aver e guisousse muy toste e foisse onde soube que era Tarife. (CDP/14V2/CG-330)
	Sujeito	
Elocução	Objeto	alli declarou perante todos que primeiro casara com ella que com dona Branca, nomeando quatro testemunhas que foram presentes (CDP/15/CP-218)
	Sujeito	
Frequência	Objeto	
	Sujeito	E porque nõ ousou a entrar no moesteiro, ca bem sabia que nõ era costume de molheres entrarem em moesteiro de monges, ficou preto daly em hũa mouta que hi havia... (CBP/14/FS-13)

Manipulação	Objeto	E destes [Nostro Senhor Ilhesu Cristo] rressuçitou primeyro a filha do mayoral da signagoga que iazia morta dentro em ssa casa e esto fez e mādou <i>que nō ffezessē hy doo nē rroydo por ella.</i> (CDP/14V2/PP-124)
	Sujeito	
Modalidade deôntica ⁸	Objeto	
	Sujeito	Se algũa molher for uiuuoa [...] e casar depos morte de seu padre ou de sa madre sen uoontade de seus irmaos, nō seya porẽ desherdada. Ca poys que souberõ aquel erro e llo soffrerõ, no é dereyto <i>que por o casamêto a deuam a deserdar.</i> (CDP/13/FR-51)
Modalidade epistêmica ⁹	Objeto	àquelle moço nō pareceu mais, e eu creo <i>que era angeo de Deus.</i> (CDP/14/OE-4)
	Sujeito	E agora, tanto que foy degolada, ueeo a myn hum menino que me parece <i>que nō he mais de jdade de quatro ãnos.</i> (CDP/14/OE-4)
Percepção	Objeto	vyo <i>o monge sayr hua poomba da sa boca</i> que voou atee o ceo. (CBP/14/FS-36)
	Sujeito	
Volição	Objeto	Entam lhe enviou dizer por dous cavalleiros que viessem com elle pousar, ca nom queria <i>que pousassem com outrem.</i> (CDP/13/DG-70)
	Sujeito	he nossa entençom <i>n'eeeste prologo muito curtamente fallar.</i> (CBP/15/CP-1)

Quadro1: Exemplificação de tipos de orações completivas das fases arcaica e moderna do português

Os resultados na tabela 01, dada a seguir, são relativos aos dois fatores de natureza semântica investigados: *tipo semântico do predicado matriz* e *unidade semântico-funcional* que a completiva representa.

8. A concepção de modalidade deôntica está fundamentada em Hengeveld (1988), segundo a qual o falante expressa, por meio dessa modalidade, uma avaliação sustentada em convenções legais, morais ou sociais.

9 Tal como em Gonçalves et al. (2008), diferenciamos predicados de “avaliação epistêmica” de predicados de “modalidade epistêmica” em razão de a modalização, isto é, a indicação de que a verdade do conteúdo expresso é sustentada na crença e no conhecimento do falante, ocorrer apenas quando o verbo se encontra no presente do indicativo e com flexão de primeira pessoa do singular, equivalente ao falante. Fora desse contexto, os predicados apenas descrevem uma avaliação epistêmica, sem que haja modalização do conteúdo da oração.

Un. semântico-funcional / Fase Oração encaixada / Predicado matriz		Estado-de-coisas		Proposição		Atos de fala		Total	
		Arc.	Mod.	Arc.	Mod.	Arc.	Mod.	Arc.	Mod.
OBJETIVAS	Atitude emocional	14 82%	10 67%	3 18%	5 33%	-	-	17	15
	Atitude mental	-	2 10%	279 100%	18 90%	-	-	279	20
	Atitude não-emocional	89 72%	66 78%	35 28%	19 22%	-	-	124	85
	Avaliação epistêmica	-	-	-	52 100%	-	-	-	52
	Causatividade	95 100%	118 100%	-	-	-	-	95	118
	Cognição	-	-	117 100%	64 100%	-	-	117	64
	Elocução	19 4%	83 19%	-	-	412 96%	358 81%	431	441
	Manipulação	864 100%	476 99%	-	3 1%	-	-	864	479
	Modalidade epistêmica	-	-	30 100%	28 100%	-	-	30	28
	Percepção	90 100%	146 76%	-	47 24%	-	-	90	193
	Volição	45 100%	238 100%	-	-	-	-	45	238
	TOTAL	1216 58%	1138 66%	465 22%	236 14%	412 20%	359 20%	2093	1733
	SUBJETIVAS	Acontecimento	37 100%	33 100%	-	-	-	-	37
Atitude emocional		15 100%	9 100%	-	-	-	-	15	9
Avaliação epistêmica		-	-	5 100%	14 100%	-	-	5	14
Avaliação não-modal		45 100%	101 100%	-	-	-	-	45	101
Frequência		2 100%	7 100%	-	-	-	-	2	7
Modalidade deontica		15 100%	68 100%	-	-	-	-	15	68
Modalidade epistêmica		-	-	52 100%	116 100%	-	-	52	116
Volição		1 100%	1 100%	-	-	-	-	1	1
TOTAL		115 67%	219 63%	57 33%	130 37%	-	-	172	349

Tabela 01: Unidade semântico-funcional e tipo semântico de predicado matriz de orações encaixadas objetiva e subjetiva das fases arcaica e moderna do português

De modo geral, os resultados da tabela 1 ratificam a correlação sistemática existente entre o tipo semântico do predicado matriz e a unidade semântico-funcional que a oração completiva pode representar, uma correlação já identificada, sob perspectiva semelhante, em estudos de caráter tipológico, como, por exemplo, o de Noonan (1985) e o de Hengeveld e Mackenzie (2008). Para os nossos dados, essa correlação mostra-se categórica, no entanto, apenas para as orações subjetivas. Conforme se observa pela distribuição geral dos dados na tabela, todos os predicados matrizes de oração subjetiva selecionam ou estado-de-coisas, que compreendem a maior parte dos dados (67%, na fase arcaica e 63%, na fase moderna), ou proposição, unidade selecionada por predicados que expressam avaliação ou modalidade epistêmica, em todas as ocorrências. Entre os predicados que são matriz de orações objetivas, por outro lado, há cinco tipos que selecionam completivas representativas tanto de estado-de-coisas quanto de proposição (manipulativo, atitude mental, atitude não-emocional, percepção e atitude emocional), e um tipo de predicado, o de elocução, que ocorre com completivas que representam tanto estado-de-coisas quanto atos de fala.

Os **predicados de elocução** que, nos dados, ocorrem com completivas representativas de estado-de-coisas são *jurar* e *prometer*, predicados que, se por um lado descrevem a realização de um ato de fala (um *dictum*), por outro, também indicam um compromisso do falante, ou do referente do sujeito da oração, com a realização do evento expresso na oração completiva, e é esse o significado que prevalece para o predicado, fazendo com que a oração que o complementa represente um estado-de-coisas, em vez de um ato de fala. As ocorrências em (06a-b), abaixo, são exemplos de completivas equivalentes a estado-de-coisas encaixado em predicados como *jurar* e *prometer*.

(06) a. Antonio bemto ...de idade que disse ser de coremta e simquo annos ... **prometeo** *dizer verdade* (CDP/17/GV-284)

b. Entõ ela que houve medo e que era coyhada de door disse:

– Eu ti **juro** per esse meu senhor sam Fiiz que mandares que seja saa *que logo o começarey*. (CBP/14/FS-76)

Quanto aos predicados que selecionam tanto estado-de-coisas quanto proposição, conforme revelam os resultados na tabela 1, os que descrevem **atitude subjetiva emocional** ocorrem predominantemente com completivas do tipo estado-de-coisas nas duas fases investigadas (com 82% e 67%) e, raramente, com completivas do tipo proposição. Uma dessas poucas ocorrências é a transcrita em (07) abaixo.

(07) Razõ darás a Deus da mha alma e a ti seera referida maldade de meus pecados se mi perlongares o baptismo, ca **temo** *que* per esta demorança *caya em mãos daquel de que quero fogir* e de cabo meter-m'ia a alma em seus laços. (CBP/14/FS-19)

Predicados de atitude mental que admitem completivas como estado-de-coisas referem-se unicamente a duas ocorrências do período moderno com o predicado “sonhar”, conforme exemplificado em (08); nas demais ocorrências do período moderno e em todas do período arcaico, as completivas são do tipo proposição.

(08) Depois dormi um pouco, ca nom dormira ante toda a noite, e, dormindo, **sonhei** como estava a cabo de ùa fonte e *que um homem me dava fruita*. (CBP/16/JA-10)

Contrariamente ao comportamento dessa classe de predicados, os **manipulativos** raramente ocorrem com proposição; os únicos três casos em que isso ocorre, e somente no período moderno, devem-se à presença do predicado “persuadir” na oração matriz, conforme exemplifica a ocorrência em (09).

(09) A noite de sesta feira pra sabdo que foi o primeiro de nouembro mãdou Albuquerque cõtra parecer de todos, cõ o Sargêto Rodoualho ã hũ batel atrauessar as tres legoas da Bahia e lâçar na jlha o jndio que se auia prezo e os dous que auiaõ ficado ã refens a que **persuadissêa seus parêtes** *que elle era seu amigo e uiria a ter cõ elles pazas e amizade* como seu sobrinho e seu sangue... (CDP/17V5/GV-83)

Na classe de **predicados de percepção** (o quarto tipo que seleciona tanto estado-de-coisas quanto proposição), incluem-se aqueles que expressam percepção direta de um estado-de-coisas, tais como “ver” e “ouvir”, ou percepção indireta, resultante de inferências do falante a partir de um estado-de-coisas que se lhe apresenta. Com esse último significado, o conteúdo da percepção realiza-se apenas como proposição (um fato possível), como é o caso de quase todos os usos abstratizados de predicados de percepção direta (“ver”, “ouvir”) que, em nossos dados, aparecem apenas no período moderno.

A última classe de predicados que, nos dados da pesquisa, ocorrem com completivas representativas de dois diferentes tipos de unidade semântico-funcional é a dos que descrevem **atitude subjetiva não-emocional**, que têm sua ocorrência predominante, nos dois períodos investigados, com completivas equivalentes a estado-de-coisas (72%, no período arcaico, e 78%, no moderno, conforme os resultados na tabela 1). Um exemplo de ocorrência de predicado de atitude não-emocional com completiva equivalente a um estado-de-coisas encontra-se em (10).

(10) ...e porque esperavam de ir este descobrimento em tanto crescimento como foi, para atalharem as diferenças que sobre isso se podiam oferecer, **concertaram-se** com El-Rei D. João II de Portugal *que se fizesse uma repartição líquida* para cada um mandar conquistar para a sua parte livremente sem escrúpulo de se prejudicarem. (CBP/16/NB-3)

Esses resultados permitem considerar que, embora para as orações objetivas não se verifique uma correlação categórica entre o significado do predicado matriz e a unidade semântico-funcional representada pela completiva, em termos percentuais mantêm-se a forte tendência de o significado do predicado matriz determinar a unidade semântico-funcional da oração que ele encaixa, já que os casos que fogem à correlação prevista são particulares e bem menos frequentes do que os que seguem essa correlação.

De modo geral, conforme demonstrado até aqui, os resultados da análise de propriedades semânticas das orações subjetivas e objetivas revelam haver menor variabilidade de padrões de orações subjetivas do que de objetivas, no tocante à seleção de completivas equivalentes a diferentes unidades semântico-funcionais e também no que diz respeito às classes de predicado matriz das orações, informação que é retomada no quadro 2 abaixo.

Oração / Unidade semântico-funcional Predicado matriz	OBJETIVAS			SUBJETIVAS		
	EsCo	Proposição	Ato de fala	EsCo	Proposição	Ato de fala
Acontecimento				+		
Atitude não-emocional	+	+				
Atitude emocional	+	+		+		
Atitude mental	+	+				
Avaliação epistêmica		+			+	
Avaliação não-modal				+		
Causatividade	+					
Cognição		+				
Elocução	+		+			
Frequência				+		
Manipulação	+	+				
Modalidade deôntica				+		
Modalidade epistêmica		+			+	
Percepção	+	+				
Volição	+			+		

Quadro 2: Padrões de complementação oracional encontrados nas fases arcaica e moderna do português

Observe-se, a partir do quadro 2, que orações objetivas são selecionadas por 11 dos 15 tipos de predicado identificados nos *corpora*, ao passo que as subjetivas ocorrem com apenas oito desses 15 tipos. Somente quatro tipos semânticos de predicado matriz são partilhados pelos dois tipos de oração (atitude emocional, avaliação epistêmica, modalidade epistêmica e volição). Uma explicação para essa diferença de comportamento entre as orações, mais variado para as objetivas e menos variado para as subjetivas, pode estar na função semântico-discursiva mais básica que tem construções com esses dois tipos de oração completiva. Construções com oração em função de objeto servem predominantemente à descrição de eventos (em geral, dois: um na matriz e outro na completiva objetiva), ao passo que, conforme atesta Gonçalves (2001), construções com sujeitos oracionais servem prototipicamente à expressão de atitudes subjetivas, em geral, atitudes avaliativas modais. A menor variabilidade semântica identificada para as construções subjetivas pode estar, assim, diretamente relacionada à função mais básica que têm essas construções de veicular atitudes avaliativas, que certamente são de tipos menos variados do que eventos, do mundo real, mental, ou enunciativo, que podem ser descritos em um complexo com oração objetiva.

Os resultados relativos à finitude das orações encaixadas, correlacionada ao tipo de unidade semântico-funcional que elas representam, também apontam para menor variabilidade de padrões, e assim, maior estabilidade diacrônica das orações subjetivas. A frequência desses padrões, nas duas sincronias, está apresentada na tabela 2 abaixo.

Un. semântico-funcional / fase Oração / Finitude	Estado-de-coisas		Proposição		Atos de fala		Total	
	Arcaica	Moderna	Arcaica	Moderna	Arcaica	Moderna	Arcaica	Moderna
OBJETIVA								
Finita	500 41%	204 18%	448 96%	219 93%	412 100%	257 72%	1360 65%	680 39%
Infinitiva	717 59%	934 82%	16 4%	17 7%	-	102 28%	733 35%	1053 61%
TOTAL	1217	1138	464	236	412	359	2093	1733
SUBJETIVA								
Finita	73 63%	57 26%	54 95%	117 90%	-	-	127 74%	174 50%
Infinitiva	42 37%	162 74%	3 5%	13 10%	-	-	45 26%	175 50%
TOTAL	115	219	57	130	-	-	172	349

Tabela 02: Unidade semântico-funcional e finitude de orações encaixadas objetiva e subjetiva nas fases arcaica e moderna do português

A principal razão para procedermos a essa correlação é a investigação de uma hipótese, aventada em Hengeveld e Mackenzie (2008), segundo a qual há forte tendência de que unidades semântico-funcionais de ordem mais baixa sejam expressas em forma não-finita e, inversamente, unidades de ordem mais alta, em forma finita. Assim, para os nossos dados, a hipótese é a de que orações representativas de estados-de-coisas e de proposições, unidades de segunda e de terceira ordens, ocorram em formato não-finito com maior frequência do que orações equivalentes a ato-de-fala, entidade de quarta ordem. Os resultados na tabela 2 mostram que essa hipótese tende a ser confirmada para os dois tipos de oração. Observe-se que, conforme a hipótese aventada, completivas que representam ato de fala, unidade de ordem mais elevada, representada apenas pelas orações objetivas, ocorrem acentuadamente em forma finita. Também em conformidade com essa hipótese, estados-de-coisas, para esse mesmo tipo oracional, tendem a ser representados mais sob a forma não-finita do que finita, tendência que se acentua na passagem do período arcaico para o moderno, indicando um percurso diacrônico de dessentencialização dessas orações. E esse mesmo percurso se evidencia, de modo ainda mais claro, para as orações subjetivas, que, da fase arcaica para a moderna, tem invertida a preferência pela forma de expressão do estado-de-coisas, isto é, enquanto na fase arcaica estado-de-coisas em forma infinitiva representava 37% dos dados, na fase moderna, chega a 74%. Proposições,

por fim, apresentam estabilidade quanto à forma de expressão finita, que é predominante para os dois tipos de orações, nos dois períodos investigados. Cumpre salientar, nesse ponto, que a interpretação desses resultados requer cautela, uma vez que a análise conjunta dos tipos de predicado, como a que aqui se procede, pode neutralizar possíveis diferenças resultantes de graus de gramaticalização de construções com cada um dos predicados matrizes, se esses forem analisados separadamente. Desse modo, os resultados apontados neste estudo, que toma como parâmetro primeiro de análise a função sintática das orações subordinadas, devem ser considerados indicativos de tendência de comportamento para as classes semânticas de predicados verbais, que pode ser confirmada ou refutada a partir de análises que apliquem os mesmos fatores a construções com cada um dos verbos integrantes das diferentes classes.

Considerando ainda os resultados da tabela 2, quando se observa o total de dados para as orações finitas e não-finitas, fica evidenciado um percurso mais claro de dessentencialização para as orações objetivas, que se instaura no período moderno pela prevalência de expressão dessas orações em formato não-finito, enquanto, para as orações subjetivas, esse percurso é apenas anunciado, dado o equilíbrio a que se chega, no período moderno, entre formas de oração subjetiva finita e não-finita.

Para verificar a validade de um possível percurso de dessentencialização também para as orações subjetivas, verificamos o comportamento dos dois tipos de orações quanto ao formato com que são expressos ao longo dos séculos que compõem as fases arcaica e moderna. Os resultados seguem apresentados na tabela 3 abaixo.

Oração / Finitude \ Século	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	Total
OBJETIVA						
Finita	158 50%	644 66%	558 70%	459 46%	221 30%	2040
Infinitiva	161 50%	335 34%	237 30%	547 64%	506 70%	1786
TOTAL	249	979	795	1006	727	3826
SUBJETIVA						
Finita	21 81%	53 87%	53 62%	114 48%	60 55%	301
Infinitiva	5 19%	8 13%	32 38%	126 52%	49 45%	220
TOTAL	26	61	85	240	109	521

Tabela 03: Finitude de orações encaixadas objetivas e subjetivas do português arcaico ao moderno

Conforme revelam esses resultados, para as orações subjetivas, observa-se, ao longo dos séculos, uma queda acentuada de expressão na forma finita. Verifica-se, no início do período, um total desequilíbrio na forma de expressão da oração encaixada, com forte favorecimento das formas finitas (81%), que,

ao longo dos séculos, experimentam um declínio acentuado, rumo a um equilíbrio entre formas finitas e não-finitas (55% finitas x 45% não-finitas). Percurso diferente se verifica para as orações objetivas que, no início do período arcaico, apresentam distribuição equilibrada entre formas finitas e não-finitas (50% de frequência para cada uma das formas), chegando ao final do período moderno com formas não-finitas superando totalmente formas finitas (70% não-finitas vs. 30% finitas).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como resultado do cruzamento dos parâmetros de análise adotados na investigação diacrônica de orações objetivas e subjetivas, observamos, ao longo das sincronias investigadas, para ambos os tipos oracionais, correlações sistemáticas entre:

(i) tipo semântico do predicado matriz e unidade semântico-funcional representada pela oração encaixada: a semântica do predicado matriz é determinante do comportamento da encaixada como predicação, proposição ou ato de fala;

(ii) tipo semântico do predicado matriz e finitude da oração encaixada: tipos semânticos específicos restringem o formato da oração completiva;

(iii) unidade semântico-funcional e finitude da oração encaixada: há forte tendência de o grau de finitude das completivas (de não-finita a finita) obedecer à hierarquia predicação > proposição > ato de fala.

Das correlações alcançadas, comparando-se os dois tipos de oração completiva, observamos menor variedade de padrões para as orações subjetivas do que para as objetivas, o que revela diferenças na estabilidade sintático-semântica dessas orações no período investigado.

Diante desses resultados sobre a gramaticalização e dessentencialização dos tipos oracionais investigados, fica sugerido que um processo de dessentencialização atinja primeiramente as orações objetivas e, para esse tipo, se encontre mais acelerado. A mesma expectativa de dessentencialização fica sugerida para as orações subjetivas, ainda que para esse tipo o processo pareça ocorrer de maneira mais lenta e mais tardiamente.

Com o avançar de nossas investigações para a fase contemporânea do português, período compreendido entre os séculos XVIII e XX, nossa expectativa mediante esses resultados é a de que:

(i) se confirme que orações objetivas se encontram em processo já mais adiantado de gramaticalização/dessentencialização do que orações subjetivas;

(ii) se confirme que orações subjetivas apresentam menor variação de padrões sintático-semânticos do que as objetivas;

(iii) com a inclusão de dados de orações objetivas indiretas e completivas nominais,¹⁰ seja revelado que o estágio mais ou menos avançado de gramaticalização, a ser verificado nas diferentes sincronias,

10. Os tipos de orações completivas a serem investigados ainda por nós incluem os mesmos definidos em Gonçalves, Sousa e Casseb-Galvão (2008, p. 1026-1027), quais sejam, orações subjetivas, objetivas diretas e indiretas e completivas nominais, pelas razões lá estabelecidas.

mantenha uma correlação direta com as diferentes classes de oração completiva, e determine, para cada tipo, diacronicamente, a velocidade mais ou menos acelerada com que o processo se instaura, o que permitirá propor uma escala de gramaticalidade envolvendo as diferentes orações completivas, hipoteticamente do seguinte tipo: (...) > subjetiva > (...) > objetiva > (...).

NOUN CLAUSES IN SUBJECT AND OBJECT FUNCTIONS IN OLD AND MODERN PORTUGUESE

ABSTRACT

In this paper we describe the diachronic behavior of objective and subjective clauses in Archaic (from 13th to 15th Centuries) and Modern (16th and 17th Centuries) Portuguese. We adopt the theoretical framework of clause grammaticalization and desentencionalization and discuss results for the following parameters: *semantic class of matrix predicate*, *semantic and functional unit represented by embedded clause*, and *form of embedded clause*. Over the studied centuries, we observe systematic correlations between the analyzed parameters. Subjective clauses presented less variety of patterns than objective clauses, the main difference interfering in their syntactic-semantic stability in the investigated period.

KEY WORDS: complex clauses; subordination; grammaticalization; desentencionalization.

REFERÊNCIAS

Braga, M. L. (1999). Os complementos oracionais no português do Brasil e no português de contato. *Anais da Abralín*, Florianópolis/SC.

Cunha, C.; Cintra, L. (1985). *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Dik, S. C. (1997). *The theory of Functional Grammar*. Part II – Complex and derived constructions. New York: Mouton.

_____. (1989). *The theory of Functional Grammar*. Part I – The structure of the clause. Dordrecht/ Providence: Foris Publication.

Dixon, R. M. W. (2006). Complement clauses and complementation strategies in typological perspective. In: DIXON, R. M.W; AIKHENVALD. A.Y. (Ed.) *Complementation*. Oxford: Oxford University Press, p.1-48.

Givón, T. (1980). The binding hierarchy and the typology of complements. *Studies in Language*, v.4-3, p. 333-377.

Givón, T. (1990). *Syntax: a functional-typological introduction* (vol. II). Amsterdam: J. Benjamins.

_____. (1995). *Functionalism and grammar*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins..

Gonçalves, S. C. L. (2001). Orações subjetivas e teoria dos protótipos. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 183-196.

Gonçalves, S. C. L.; Sousa, G. C.; Casseb-galvão, V. C. (2008). As construções subordinadas substantivas. In: Ilari, R., Neves, M. H. M. (org.). *Gramática do português falado culto no Brasil: classe de palavras e processos de construção*. v.2. Campinas: Editora da Unicamp, p. 1021-1084.

Haiman, J.; Thompson, S. (eds.). (1988). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

Halliday, M. A. K. (1985). *An Introduction to Functional Grammar*. Baltimore: Edward Arnold.

Hengeveld, K.; Mackenzie, J. L. (2008). *Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure*. New York: Oxford University Press.

Hengeveld, K. (1988). Illocution, mood and modality in a functional grammar of Spanish. *Journal of Semantics*, 6, 227-269.

Hopper, P.; Traugott, E. C. (1993). *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.

Lehmann, C. (1988). Toward a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (eds.) *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p. 275-330.

Lyons, J. (1977). *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press.

Neves, M. H. M. (2000). *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP.

Noonan, M. (1985). Complementation. In.: SHOPEN, T. (Ed.). *Language typology and syntactic description*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 42-139.

Sousa, G. C. (2012). História de uma completiva: origem e desenvolvimento do complemento oracional introduzido por “se” do português. *Alfa: Revista de Linguística* (UNESP. São José do Rio Preto. Online), v. 56, p. 81-107.

_____. (2010). Gramática e gramaticalização de construções completivas. In: Neves, M. H. M. (Org.). *As interfaces da gramática*. São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 231-244.

Tarallo, F. (1991). *Corpus diacrônico do português*, mimeo.

(FOOTNOTES)

1. A concepção de modalidade deontica está fundamentada em Hengeveld (1988), segundo a qual o falante expressa, por meio dessa modalidade, uma avaliação sustentada em convenções legais, morais ou sociais.

2. Tal como em Gonçalves et al. (2008), diferenciamos predicados de “avaliação epistêmica” de predicados de “modalidade epistêmica” em razão de a modalização, isto é, a indicação de que a verdade do conteúdo expresso é sustentada na crença e no conhecimento do falante, ocorrer apenas quando o verbo se encontra no presente do indicativo e com flexão de primeira pessoa do singular, equivalente ao falante. Fora desse contexto, os predicados apenas descrevem uma avaliação epistêmica, sem que haja modalização do conteúdo da oração.